

ODES

ANACREONTE

Odes

Anacreonte

Ode I.

A sua Lira.

Propus-me a cantar na Lira
Dos Atridas o louvor;
Quis tecer os elogios
De Tebas ao Fundador
As cordas feridas,
Por mão superior,
Meu canto invertido,
Em cantos de Amor.

Tirei-lhas todas, prendi-lhe
Outras de tempra melhor,
E dos Herculeos trabalhos
Comecei a ser cantor;
A Lira rebelde
A seu tangedor,
Trocava meu canto,
Em cantos à Amor.

Adeus Atridas valentes,
Adeus filho de Agenor
Adeus Alcides, Heróis
Dignos de canto maior;
Não tendes em mim
O vosso cantor;
A lira que eu pulso,
Nasceu por Amor.

Ode II.

Ao poder da Formosura

Ao Touro, ao Cavalo, às aves,
Aos mudos peixes do mar,
Deu prudente a natureza
Com que a força repulsar.

Ao touro, pôs-lhe na frente,
As pontas de arremeter;
Ao cavalo deu nas patas
Com que fugir, e ofender.

As aves deu leves penas,
Que fendem os densos ares,
Aos peixes as barbatanas,
Que rasgam os fundos mares.

Ao Leão sanhudo, e fero,
Além das garras valentes,
Deu-lhe boca larga, e funda,
Armada de agudos dentes.

Ao homem, este ser dotado
De mais alta perfeição,
Deu-lhe madura prudência,
Deu-lhe sagrada razão.

Por acaso das Mulheres
A Mãe comum se esqueço?
Esgotou os seus tesouros!
E ao frágil sexo que deu?

Deu-lhe mais; deu-lhe a beleza,
Impenetrável escudo!
Arma por si mais valente,
Que ferro, que fogo, e tudo!

Porque o rosto feiticeiro,
De uma galante mulher,
Abranda o peito mais duro,
Resiste ao maior poder.

Ode III.

O Amor perdido de noite.

Aqui há pouco, alta noite,
Quando toda a terra estava
Em um silêncio profundo,
E já Morfeu se espalhava
Pelo frouxo corpo meu,
Cupido, na minha porta,
A rijos goles bateu.

Quem vem lá? Perguntei-lhe:
Quem vem meu sono quebrar?
Abre, me diz: abre a porta;
Eu não sou de recear.
Vem que sou tenro menino,
Todo alagado, e com as trevas
Perdi neste vale o tino.

Isto ouvindo enternecido.
Ergui-me, e luz acendi;
Abri a porta, e por ela
Entrar um menino vi:
Era loiro, arco trazia,
Asas tinha, e ebúrnea aljava
Dos ombros nus lhe pendia.

Dei-lhe a mão, levei-o ao fogo;
As minhas logo aquetei,
E as alvas frígidas mãos
Caridoso lhe esfreguei
E como molhado o vi,
A chuva de seus cabelos,
Para aquecer, lhe espremi.

Mal que ele enxuto se viu,
Me disse: vamos nós ver,
Se pode a chuva deste arco
A rija corda ofender?
Seu arco traça na mão,
Une as pontas, e me atira
Uma seta ao Coração.

Então salta, e diz-me rindo:

Congratula-te comigo
Oh benfeitor! o meu arco
Não sofreu menor perigo:
O meu arco ileso está,
Mas teu pobre coração,
Que dores não sentirá!

Ode IV.

Em Leito de tenros mirtos,
E do loto verdejante,
Beberei gostoso as taças,
Desse licor espumante.

Desate Cupido a venda;
E a rubra capa traçando,
A deite ao ombro, e ligeiro
Vá-me os copos ministrado.

Se iguais à sombra que passa
Nos fogem os nossos dias,
E depois os duros ossos,
Senão de tornar cinzas frias.

Para que havemos andar,
Numa continua amargura,
Se os folgazões, e os trites
Vão iguais à sepultura!

Não é melhor, este espaço,
Medir, em folguedo bom,
Em companhia decente,
Cantando da Lira ao som?

Se há de aos vivos esconder-me,
Para sempre a terra fria,
Quero folgar; não é crime,
Uma inocente alegria.

Ode V.

À Rosa.

Juntemos ao Bromio
A rosa engraçada,
A flor, aos amores,
E a Amor dedicada.
Com a rosa fragrante
As frentes ornemos
Depois, entre os copos,
Alegres folguemos.

A rosa engraçada
É honra das flores,
De Abril e de Maio
Empenho, e amores.
É mimo dos Deuses;
E o moço Cupido,
Seu loiro cabelo,
Trás delas cingido,
Só dança com as graças
No monte de Gnido.

Ó Baco! De rosas
Me coroa e me inspira;
Irá no teu templo,
Soar minha lira!
E tendo enastrada
De rosas a frente,
A par da Beleza
Meu bem e esperança,
Marcarei contente
Das Ninfas a dança.

Ode VI.

Ao mesmo motivo.

Vamos de rosas
A frente ornar;
Vamos beber,
Vamos dançar.

Guapa donzela,
Com pé mais lindo,
Ao som da Lira
O chão ferindo.

Meneai um Tirso,
Na mão formosa,
Todo enramado
D'hera viçosa.

Gentil mancebo
Ledo, e contente,
Com Cíprio aroma
Ungida a frente,

Move ligeiro
Alterna a planta,
E ao som das cordas,
Suave canta.

Cupido loiro,
Baco prestante,
Vênus que os risos
Trás no semblante.

Guião das festas
A divindade,
Prazer da fria,
E ardente idade?

Ode VII.

Vencimento d'Amor

Sem arco, aljava, nem setas,
Me assalta Amor de repente.
Com uma vara de Jacinto,
Na sua destra somente.

Soube o Deus, que eu blasonava,
De negar-lhe adoração;
Quis, provando o seu poder,
Punir a minha isenção.

Vara tão curta, e tão débil,
Na mão Juvenil brandindo,
Decretou-me imperioso,
Lhe fosse os voos seguindo.

Quis, não pude resistir-lhe;
E forcejando meus passos,
Fui por vales, fui por montes,
Em contínuos embaraços.

Fui por bosques condesados,
Até que em montes penhascosos,
Me achei de um hidra mordido,
Pelos dentes venenosos.

Subitamente a minha alma
Senti meus lábios tocando,
E quase, quase, que a vi
Dentre eles ir-se escapando.

Eis Amor me dá com as asas,
Vendo-me aflito, e choroso,
E diz-me, num tom pesado,
E ao mesmo tempo ardiloso.

Rebelde, a tua esquivança
Foi causa deste castigo
Deves amar; e se amares,
Entrarás no meu abrigo.

Ode VIII.

Um Sonho.

Depois que de Baco
Tomei os licores,
Brindando risonho
Ao Deus dos amores;

No leito estofado
Me fui estender,
E veio Morfeu
Meus olhos correr.

Mostrou-me este Deus,
Comigo enredada,
De Ninfas galantes;
A chusma engraçada.

E eu ledado, saltando
No meio das belas,
Em giros ligeiros
Folgava com elas.

Fez ver-me uns mancebos;
Que Baco mais belos,
Lançando-me em rosto
Injúrias, por zelos.

Por dar-lhes mais raiva,
As tento abraçar;
Eis tudo a meus olhos
Se perde no ar!

Acordo sozinho;
E em tanto abandono,
Tomei por vingança,
Tornar-me a meu sono.

Ode IX.

A Pomba.

Donde vens amável pomba?
Onde tão rápida vás?
Quem te encheu dos bons perfumes
Que de ti soltando estás?

Bem mal podia deter-me;
Mas, porque tudo te conte,
Saberás, que os ares corto,
Ao mando de Anacreonte.

Sua sou: e fui-lhe dada,
Pela bela mãe de Amor,
Em prêmio de um hino doce,
Que ele fez em seu louvor.

Manda-me hoje por Batillo,
Rasgar esse campo etéreo,
Por Batillo, que hoje logra
Sobre as almas livres império.

Eis as cartas que lhe envia,
De meu pescoço pendentes,
Escritas em brando metro,
Mas com suspiros ardentes.

Ela promete, na volta
Pôr-me em minha liberdade;
Eu não aceito; servi-lo
É mais da minha vontade.

Pois que proveito me vem
De andar por campos abertos,
E girar pelas montanhas,
Em voos vagos, e incertos;

Tendo, nos troncos do mato,
Um perigoso aposento,
E fazer de grãos agrestes,
O meu preciso alimento;

Se meu senhor carinhoso
Me dá de seu fofo pão,
Que ao bico estreito me aplica,
Esfarelado na mão.

Se quando bebe da taça,
Nela me deixa beber,
E me consente, em seus ombros,
Minhas asas estender!

Como, bebo, danço alegre,
Sem incômodos sentir,
E quando me aperta o sono,
Vou-lhe na Lira dormir!

Que mais quero? em paz te fica;
Prossigo a minha carreira:
Tu tens-me feito falar
Mais que uma gralha palreira.

Ode X.

O Cupido de Cera.

Um certo adelo outro dia
Apregoava um Cupido,
Feito de cera macia;
Eu que passava,
Fui perguntar-lhe,
Por quanto o dava.

Numa franca linguagem,
Deixou na minha eleição
A paga da linda imagem:
E então querendo
Dela informar-me,
Me foi dizendo.

Não fui dessa peça Autor;
E vendo-a porque me custa,
A ter em casa um senhor,
Que quanto quer,
Sem mais escolha,
Há de o fazer.

Pois bem, lhe disse eu; e então
Me deu por fraca moeda,
Sem menor hesitação.
E feita a merca,
Meto-o no Seio,
Porque o não perca.

E digo-lhe: ó meu Cupido,
Trabalha por me trazer
Sempre este peito incendiado?
Cumpre meu rogo,
Pois se o não cumpres,
Lanço-te ao fogo.

Ode XI.

A ti mesmo.

As moças loucas me dizem:
Anacreonte estás velho,
Vê as cás, consulta as rugas,
Perante um fiel espelho.

Que vale, que esteja calvo,
Ou tenha a fronte rugosa,
Se ainda sinto as mesmas forças
De uma idade vigorosa!

Por isso mesmo, que perto
Vejo o prazo à minha vida,
E sempre a levei contente,
Tenha o seu fim divertida.

Ode XII.

À Andorinha.

Com que gênero de pena,
Te não deveria agora
Ir castigar Justiceiro,
Andorinha palradora?

Cortando-te as leves asas?
Ou, sem menor piedade,
Exercendo em tua língua
De Tereu a crueldade?

Porque viestes cantar-me,
Ainda antes de nado o dia,
E despertar-me do sono,
Que Batillo me fingia?

Ode XIII.

A si mesmo.

Diz-se, que Átis, moço Frígio,
Cheio de estranho furor,
Nas montanhas, por Cibele,
Soltava um alto clamor.

Diz-se, que quantos bebiam
Nessa fonte celebrada,
Que em Jônia fora aos Mistérios
Do Loiro Deus consagrada,
Com valente entusiasmo,
Transtornada a fantasia,
Vagavam, enfurecidos
Do Sacro dom da Poesia.

Eu então, de Brómio cheio,
De perfumes, e de flores,
Com os olhos na minha amada,
Arde em mais doces furores.

Ode XIV.

A Cupido

Não posso fugir de amar:
Cupido bem me avisava,
Mas eu, ou tonto, ou isento
De seus avisos zombava.

Até que ele resoluto,
Vendo-me andar neste empate,
Tomou carcaz, arco, e Setas,
E convocou-me a combate.

Armei-me eu, qual outro Aquiles
De Lança, de escudo, e malha,
E ofereci-me arrogante
Ao Deus menino, em batalha.

Ele setas, sobre Setas,
Contra mim arremessou,
Até que da ebúrnea aljava
Todos os tiros gastou.

Que faz então; irritado,
Por ver-me, uma vez sujeito,
Em vez de seta, a si mesmo
Se atira contra meu peito.

No fundo do coração,
Me senti logo ferido:
Outro remédio não tive,
E confessei-me vencido.

Ninguém, com rija armadura,
Contra este Deus se precate;
Não valem armas por fora,
Quando ele por dentro o combate!

Ode XV.

De si mesmo.

A mim não me importa Giges,
Com toda a sua riqueza,
Não quero ouro, nem me encanta
Dos Monarcas a Grandeza.

O meu gosto é perfumar-me,
Com os aromas do Oriente,
E atar Capelas de Rosas
Em redor da minha frente.

Só me importa o dia de hoje;
Pois quem sabe o que há de vir?
Se a sorte o deixa, passemos
O tempo a beber, e a rir.

Quem me diz, que de repente
Um morbo, que a vida arrasta,
Não vem dizer-me aos ouvidos,
Oh! Tens bebido o que basta?

Ode XVI.

De si mesmo.

Tu cantas as Guerras
De antigos Tebanos;
Aquele os combates
Dos fortes Troianos.

Eu só, quando a Lira
Encosto no peito,
Celebro as conquistas,
Que em mim se tem feito.

Não foram dragões,
Nem velas ao vento,
Que alcançarão troféus
Ao meu vencimento.

Foi lindo esquadrão
De vistas brilhantes,
Que solta o meu bem
Dos olhos galantes.

Ode XVII.

O Copo de prata.

Toma esta prata; abre nela
Ou países, ou figuras;
Armas não; cá para mim,
De que servem armadura?

Eu abomino combates!
Faze-me, ó mestre profundo,
Um copo recomendável,
Quer por largo, quer por fundo!

Não esculpas nele um Signo,
Daqueles, que trazem chuvas;
Lavra-lhe, em roda, uma vinha
Farta de parras, e de uvas.

Exprime, ao vivo o Deus Baco,
E o tenro inquieto Amor,
Fazendo a vendima, alegres
Com Batillo encantador.

Ode XVIII.

Ao mesmo motivo.

Mestre de arte, de arte bela,
No mundo o mais afamado!
Prepara-me, desta Prata,
Um copo bem trabalhado.

Abre nela a Primavera,
Com tua mão delicada,
Das rosas, meu doce encanto,
Airosamente tocada.

Grava os festejos brincões,
À minha alma lisonjeiros:
Mas nunca os nefandos cultos
Dos dois vates estrangeiros.

Nada de trágico, pôe-lhe
Baco as taças ministrando,
E com pequeno Himeneu,
A Deusa Vênus dançando.

De fofa parceiro à sombra,
Com roxos cachos pendentes,
Pinta os amores sem armas,
E as almas Graças contentes.

Não te escapem bons mancebos
Metidos em feletria,
E entre eles o Louro Apolo,
Transbordando de alegria.

Ode XIX.

Ao beber.

Bebe a terra quanto chove;
As plantas bebem da terra,
O Mar bebe o ar, e o Sol
Das águas, que o mar encerra.

Ao mesmo Sol bebe a Lua,
Tudo bebe. E sendo assim;
Por que razão, de beber
Me quereis privar a mim?

Ode XX.

À sua Amada.

Da Tântalo a filha,
Na idade passada,
Em penha na Frígia
Se achou transformada.

E Progne igualmente,
Princesa mesquinha!
Perdeu sua forma,
Em vaga andorinha.

Oh! quem, num espelho,
Se vira mudado,
Por ser muitas vezes,
Por ti encarnado!

Oh! quem, num vestido,
Tornado se vira,
Só porque teus ombros
Galantes cobrira.

Oh! quem se vertera
Em banho gostoso,
A fim de lavar-te
O corpo mimoso.

Quem fora pomada
Macia, e fragante,
Que untasses com ela
Teu peito galante.

Quem fora teu Lenço,
Ou fio da moda,
Que a bela garganta,
Te ornasse de roda.

Ao menos chinelo
Polida, e airosa,
Aonde me teces
A planta mimosa.

Ode XXI.

De si mesmo.

Raparigas, ministrai-me
Essa taça transbordando
Do rubro Licor de Baco,
Pois estou de sede estalando.

Trazei-me grinaldas novas,
Com que mitigue este fogo;
Trazei-as viçosas, que hoje,
Mal que as ponho murcham logo.

Mas todo este ardor externo,
Não entre em comparação
Com aquele incêndio amoroso,
Que encerro no coração.

Ode XXII.

A Batillo

Meu lindo Batillo,
Comigo te assenta,
Debaixo do freixo,
Que sombras ostenta.

Os Zéfiros brandos
As asas pulsando,
As folhas lhe agitam,
Em si murmurando!

Ao pé de uma fonte
Em branda corrente,
Excita a brandura
Em todo o vivente.

Ah! qual passageiro,
Vendo este lugar,
Se nega, a vir nele
O fresco tomar?

Ode XXIII.

Ao ouro

Se as riquezas me pudessem
Os meus dias prolongas,
Poria todas as forças
Em um tesouro ajuntar.

A fim de que vindo a morte,
Que todo o vivo atropela,
Dando-lhe uma grande soma,
Se fosse embora com ela.

Mas se remédio não temos
Para estender nosso dias,
Para que havemos leva-los
Em lamentos, e agonias.

Se a morte a ninguém perdoa,
Se isto é Lei do Fado austero,
E o dinheiro a não revoga,
Para que outra coisa o quero?

Eis-aqui, porque não hei de
Por ele, verter suores,
Antes beber com os amigos,
E dançar com os meus amores.

Ode XXIV.

Ao mesmo motivo.

Enfim eu nasci mortal;
E é da sorte dos mortais,
O fazer, sobre este mundo,
Um breve giro, e não mais.

Apenas sei das passadas,
Deste tempo, que hei vivido;
O que me resta a fazer,
Tem-mo o futuro escondido.

Longe de mim reflexões,
Longe cuidados: enfim,
Se de nada me valeis,
Ponde-vos longe de mim.

E em quanto não vem a Parca,
Os meus dias suspender,
Quero folgar, quero rir,
Quero dormir, e beber.

Ode XXV.

A si mesmo.

Apenas que eu bebo
De Baco o licor,
No peito adormeço
Angústias, e dor.

Porque hei de meus dias
Passar em cansaça,
Se eu hei de acabar,
Por mais que não queira!

Ah! fujam-se enganos;
Façamos melhor
O tempo, bebendo
De Baco o licor.

Pois logo que o bebo,
Com rápido efeito,
Angústias, pesares,
Me dormem no peito.

Ode XXVI.

Ao mesmo motivo.

Quando eu bebo, os meus cuidados
Dormem num sono profundo;
E tenho, que ao grande Crespo
Excedo, em rico, no mundo

De repente o doce canto
Me sai da boca abrasada,
E d'heras verdes tocado,
Tenho tudo o mais em nada.

Vá quem quiser por seu gosto
Seguir de Mavorte a lei;
Corra à espada, às lanças corra,
Que eu às taças correrei.

Ode XXVII.

A Baco.

Tanto que o sumo,
Tenho esgotado,
Que foi por Brómio
Aos homens dado.

Ele dissipa
Minha amargura,
Lança, em minha alma,
Riso, e doçura.

Ele me ensina
Baile engraçado,
Sem que o enoje
Ver-me toldado.

Vênus plausível
Vem-me encantar,
E trêmulo, e ébrio
Entro a bailar.

Ode XXVIII.
À sua Amada.

Ela perito pintor,
Pintor decantado em Rodes!
Que desta Arte peregrina.
O Rei aclamar-te podes.

Pinta-me a minha adorada,
E posto que esteja ausente,
Eu vou descrever-ta ao vivo,
Pois sempre a tenho presente.

Primeiramente, os cabelos
Lhe traça longos, e finos;
E se o pincel o permite,
Cheirem a aromas divinos.

Abaixo destas madeixas,
Quais minha alma te as descreve,
Lança uma fronte tão alva,
Como a brancura da neve.

Deves suas sobrancelhas
Com tal cautela pintar,
Que chegadas, seja em modo,
Que deixem de se tocar.

Deixa em meio um breve espaço,
Qual um ponto, um quase nada;
E faze as suas pestanas,
De uma cor azevichada.

Seus olhos de vivo fogo,
E azuis, quais Minerva os tem,
De uma moleza expressiva,
Igual de Cupido à Mãe.

Compõe, pintor peregrino,
As suas faces mimosas,
De uma mistura de leite,
Mas amassado com rosas.

Quais rubins, e persuasivos
Deves seus lábios fazer,
Que deixem o mundo inteiro,
Por seus beijos a morrer.

Pasmadas neste composto,
Que eu te informo, e vais pintando,
Descreve-lhe as graças meigas,
Já descendo, já trepando.

Veste-a de púrpura, e deixa
Alguma parte ficar,
De seu bom corpo, despida,
Para do mais se julgar.

Mais não careço dizer-te:
Ao meu bem a copia iguala,
Não só me parece vê-la,
Parece-me até que fala?

Ode XXIX.

A Batillo.

Ó Delicado Pintor,
Tu rival da natureza!
Pinta, segundo te informo,
Do meu Batillo a beleza.

Pinta-lhe os longos cabelos,
Como de balsamo untados,
Luzentes por entre negros,
E de cor de ouro mesclados.

Deixa-os caídos em bugres,
Por uma, e por outra parte,
Sem estudo, sem alinhado,
Sem concerto algum, sem arte.

Faze as suas sobrancelhas,
De um escuro relevante,
E que à frente, cor de lírios,
Seja o limite galante.

Os olhos, pinta-lhos negros,
Entre fereza, e doçura,
Que mostrem de Marte as iras,
E de Vênus a ternura.

Vê se consegues que tenham,
Com ambos tal semelhança,
Que neles descubra a um tempo,
Sustos, por entre esperança.

Pinta-lhe as faces vermelhas,
Mas do vermelho das rosas;
Cheias de um pelo mimoso.
Qual o das frutas viçosas.

Apura, quanto ser possa,
Entre esta galante cor,
Um certo fogo, que nasce
De repentino pudor.

A boca, não sei dizer-te,
De que maneira se faça;
Mas em geral, nela abunde
Doce expressão, viva graça.

Ou porque tudo te diga,
Numa palavra somente,
Precisa que este retrato,
Tenha o silêncio eloquente.

Faze-lhe o rosto comprido;
E imita, Pintor perfeito,
Na sua garganta, Adónis,
Mercúrio nas mãos, e peito.

Mas tu sempre tens tua arte,
Que atraiçoa o nosso gosto!
Porque lhe vestes seus ombros,
O mimo deste composto?

Da beleza de seus pés,
Para que te hei de informar,
Se temos aqui modelo,
Que te possa governar.

Por esta estátua de Apolo,
Pinta aqui Batillo belo;
Se Apolo em Samos pintares,
Tens em Batillo o modelo.

Ode XXX.

Do Amor.

Com festões de frescas flores,
As musas Amor prenderão,
E acautelando-lhe a fuga,
Em guarda à beleza o darão.

A livra-lo, fatigada
A linda Vênus correu;
E com uma soma avultada,
O seu resgate empreendeu.

Mas ainda que ela consiga
A ventura de o remir,
Talvez, que dali não saia,
Já costumado a servir.

Ode XXXI.

A si mesmo.

Deixai-me a meu gosto,
Deixai-me beber,
Eu quero em furores
Minha alma acender.

De Euriphile o filho,
E Orestes raivoso
Sentirão, por crimes,
Furor espantoso.

Eu sem os remorsos
De ser matricida,
Vou ser furioso
Com muita bebida.

O bravo Tebano,
Com a flecha de Epito,
Ajunta em furores
Delito a delito.

Um Ájax insano
Com seu grande escudo,
E a espada de Heitor
Investe com tudo.

Com a taça na mão
Coroados de flores.
Sem lança, ou espada,
Me entrego a furores.

Ode XXXII.

Às suas Amadas.

Se podes contar as folhas
Do bosque, e áreas do mar,
Só assim fio que possas,
Minhas Amadas contar.

Põe trinta e cinco de Atenas,
De Corinto Um regimento,
Que esta Cidade de Acaia
Tem moças, que são portento!

Da celebre Ilha de Lesbos,
De Caria, de Jônia, e Rhodes,
Sem fazer contas por alto,
Duas mil contar bem podes.

Perguntas-me se amei tantas?
Que não dirás, se contares
As do Egito, Síria, e Creta,
Onde Amor tem seus altares!

Que mais queres, que te diga?
Não contas, numa semana,
Os meus amores da Índia,
De Cádis, e Bactriana.

Ode XXXIII.
À Andorinha.

Tu vens, andorinha amável,
O teu ninho fabricar,
Apenas vês as campinas
De brancas flores bordar.

Mas logo que a terra cobrem
Os gelos, em larga copia,
Vais habitar os rochedos
De Memphis, ou de Etiópia.

Amor tem sempre seu ninho
Dentro do meu coração;
E reciprocas sucedem
Uma à outra criação.

Quando uns amores se veem
De tenras penas ornando,
Já outros novos amores
Se estão no peito chocando.

Alguns há meios tirados;
Outros com a casca rachada,
E com as boquinhas abertas
Fazem contínua piada.

Aos que ainda são pequeninos,
Dão de comer os maiores,
E a seu tempo competente
Produzem novos amores,

Ai de mim! que hei de fazer?
Tão fecunda produção
Nem cabe na minha língua,
Nem cabe em meu coração.

Ode XXXIV.

A Uma Rapariga.

E mim não fijas,
Beleza ingrata,
Por ver-me as tranças
Da cor da prata.

Nem porque vences
Em cor à rosa,
Sejas comigo
Tão desdenhosa

Olha que bela,
Linda mistura
Faz entre as rosas
Do lírio a alvura!

Ode XXXV.

À Europa, e Júpiter.

O Touro, que nesse quadro
As ondas vemos cortando,
Ele sem duvida é Jove,
Pelo que estou combinando.

Ele sobre as costas leva
Uma Sidonia galante,
E com as unhas corta as águas
Do fundo mar espumante.
Nenhum touro tresmalhado
Da manada, em que pastava,
Fazia tal! Ele é Jove:
Outro as ondas não rasgava.

Ode XXXVI.

Sobre os prazeres da vida.

Por que me ensinas preceitos,
De um Retórico fecundo?
De que aproveitam lições
Desnecessárias no mundo ?

Antes me ensina a beber
A taça de vinho cheia;
Ensina-me os jogos meigos,
Da galante Citera.

Já estas cans são os louros
Da frente rugosa, e velha;
Dá-me água, ó mancebo, e mescla-a
Com vinho dessa botelha.

Adormece-me os sentidos,
Pois muito cedo, a meu ver,
Irei à terra, onde os mortos
Nada tem que apetecer.

Ode XXXVII.

À Primavera.

Tu não vês como em chegando
A primavera, contentes
De rubras rosas enfeitam
Às graças o peito, e as frentes?

Não vês como a fúria acalmam
As ondas murmuradoras?
Não vês como alegres voltam
As aves mergulhadoras?

Vê como o Sol resplandece,
E as tempestades se vão;
Vê como aos olhos são gratas
As fadigas do vilão?

Pare a terra as verdes ervas;
A Oliveira cobra a cor;
Corta-se a vide, e no golpe
Baco expurga o velho humor.

Por entre as folhas nascentes
Do tronco grosseiro, e bruto
Esperanças Vem brotando
De rico abundante fruto.

Ode XXXVIII.

De si mesmo.

Eu bem sei, que já sou velho,
Mas, os copos empinando,
Vejo desbanco os rapazes,
Quer bebendo, quer dançando.

A Um odre, em Vez de bordão
Me arrumo; e até esta idade,
De me encostar a uma cana
Não tive necessidade.

Quem deseja batalhar,
Batalhe quanto quiser:
Ó lá rapaz, traze vinho,
Desse mais doce que houver.

A conta da minha idade
É avultada, bem sei;
Mas como velho, nas danças
A Sileno imitarei.

Ode XXXIX.

A si mesmo.

Mal que eu bebo o doce vinho,
De repente as minhas penas
Fogem do peito, e contente
Celebro as nove camenas.

Mal que eu bebo o doce vinho,
De repente os meus pesares,
E as reflexões enfadonhas,
Rápidas vão pelos ares.

Mal que eu bebo o doce vinho,
Baco, em jogos engraçados,
Me transporta alegre, e ébria
Aos Horizontes rosados.

Mal que eu bebo o doce vinho,
E cinjo a coroa, que fiz,
De flores mil variada,
Celebro a vida feliz.

Mal que eu bebo o doce Vinho,
De aroma fragrante ungido,
À minha amada abraçado,
Decanto a Mãe de Cupido.

Mal que eu bebo o doce vinho,
E faço o espírito nadar
Em grandes copos, então
As Orgias vou celebrar.

Mal que eu bebo o doce vinho,
Tenho este ganho subido,
Que a Parca, que leva tudo,
Não leva o que está bebido.

Ode XL.

A Cupido.

Entre rosas, que apanhava,
O mal fazejo Cupido,
Não viu uma loura abelha,
E foi por ela mordido.

Mal que picado se viu,
Na tenra mão, entre dor,
Começou de levantar
Um magoado clamor.

Já correndo, e já voando
A cândida Mãe buscou;
Ai morri, morri, dizia,
Ai Mãe, teu filho expirou.

Olha bem; mordeu-me aqui
Pequena, alada serpente,
A que dá de abelha o nome,
Do campo a enganada gente.

Ela vendo, disse: Ó filho,
Se isto tanta dor te faz,
Que sofrerão os que provam
Os golpes, que tu lhes dás?

Ode XLI.

Aos banquetes.

Baco demos louvores,
Seu licor bebendo em tanto;
Autor dos coros, amigo
Dos bailes, e doce canto.

Ele com Amor
Terno se avém;
Ele nos torna
Mais viva a Mãe.

Ele é o deus dos banquetes,
Donde à alegria se passa;
Ele deu ser, entre os copos,
A uma, e à outra Graça.

Por ele a dor
Triste se acalma;
Por ele a angustia
Nos morre na alma.

Logo que a taça me trazem
Os serventes engraçados,
Sobre as rajadas dos ventos
Rápidos vão meus cuidados.

Eia bebamos,
E de repente
Nos fuja tudo,
Quanto é pungente.

Que te aproveita essa vida,
Que pouco a pouco consumes,
Macerar com reflexões,
E amargurados queixumes?

Quem sabe as cousas
Lá do futuro?
A vida é caos
Em tudo escuro.

A mim somente me agrada,
Depois da taça esgotar,
E perfumar-me de aromas,
Ir as chorêas traçar.

E a par da linda,
Formosa Isbela,
Em leves giros,
Dançar com ela.

Todos esses, que desejam
As penas que eu lanço fora;
Os sequazes da tristeza,
Vivam tristes muito embora.

Cantemos Baco,
Bebendo em tanto,
Baco, inventor
Da dança, e canto.

Ode XLII,
De si mesmo.

Dão à minha alma
Gosto excessivo,
De Baco as danças,
Meigo, e festivo.

Com a mocidade,
Que amor respira,
Gosto, em bebendo,
Cantar à lira.

E mais me encanta,
Cingir capelas,
E entrar em jogos
Com as Ninfas belas.

Minha alma ignora
Ainda o que seja,
Maligno influxo
De negra inveja..

Eu fujo aos golpes,
Duros, traidores
Da aguda língua
Dos mofadores.

Detesto as mofas,
E a solta grita.
Que nos banquetes
O Bromio excita,

Amo o descanso;
Apraz-me à lira
Dançar com a bela,
Que amor me inspira.

Ode XLIII.

À Cigana:

Quanto Cigarra és ditosa!
Bebendo frescos orvalhos,
Cantas, qual uma Rainha,
Sobre os frutos dos carvalhos.

Tudo, quanto se descobre,
Que produza o bosque ameno,
É teu; é teu quanto cria
O vasto pingue terreno.

Tem por ti os lavradores
Amizade verdadeira,
Pois tu, jamais, lhe fizeste
Dano algum à sementeira.

Ó Cigarra venturosa!
Todo o mundo te venera,
Como alegre profetiza
Da volta da Primavera.

Amam-te as filhas de Apolo;
O mesmo Apolo te adora;
Ele, por ti decidido,
Te deu essa voz sonora.

Filha festiva da terra!
Nem com tempo te envelheces,
Nem, doce amiga do canto,
Dores, ou males padeces.

Em ri não circula sangue;
Não és de carne formada;
Da natureza dos Deuses
Díferes ou pouco, ou nada.

Ode XLIV,
A Um sonho.

Sonhei outro dia
Que andava girando,
As asas, nascidas
Nos ombros, pulsando.

Que Amor me seguia,
E tendo ligado
Um peso a seus pés,
Fui dele apanhado.

Que posso inferir,
Que diga este sonho?
Não é outra coisa,
Segundo suponho,

Senão, que de Amor
Fugindo aos grilhões,
Jamais o farei
Das novas prisões.

Ode XLV.

As setas de amor.

Nas vastas furnas de Lemos
Em rija safra, Vulcano
Batia as setas, que atira
De seu arco o moço insano.

Vênus meiga as temperava
Num vaso de louro mel;
O duro filho as untava,
Ao depois, de amargo fel.

Eis de um combate vaidoso,
Entrou na furna o Deus Marte
Pesada lança na mão,
A espada no talabarte.

Olha ao través sobre as setas,
Mostrando um ar de desprezo,
Desdenha do seu tamanho,
E mofa do pouco peso.

Amor, tomando uma delas,
Com sua pequena mão,
Lhe disse: Pega-lha Marte,
Observa se pesa, ou não.

Ao ir toma-la, sorriu-se
A galante Mãe de Amor;
Pegando-lhe deu suspiros
Um Marte, e mudou de cor.

Toma-a, disse: é bem verdade,
Não só pesa, é fogo ardente:
Guarda-a lá, lhe torna Amor,
Dela te faço presente.

Ode XLVI.

Ao poder do Ouro.

Não amar é desgraça;
Amar, desgraça é também!
Mas a maior é amar
Ninfas, que amor nos não tem.

Sangue, Virtude, Saber,
Talhe airoso, e gentileza,
São pequenos atrativos
Aos olhos. De uma Beleza.

Ouro somente lhe arranca
Do peito amorosos ais;
Ouro faz ditoso o amante,
Não virtudes pessoais.

Maldito aquele primeiro,
Que rasgando a terra dura,
Fez sair este inimigo,
A ver do Sol a luz pura.

Por ele, que tanto cega,
Com refulgente clarão,
Atraíça ao Pai seu filho,
Um Irmão ao outro irmão!

Com ele ao mundo vieram
Heróis, de havê-lo sedentos,
Por entre sangue esparzido,
Por entre roubos violentos.

Por ele, maldito seja!
Vê o mundo, a cada instante,
Comprar Um rico rival,
O prêmio de um, terno amante.

Ode XLVII.

A velhice alegre.

Encanta-me ver Um velho,
Que nunca foi rabugento,
Que se alegra, e se mistura
Dos moços no ajuntamento.

Com eles, de envolta
Bebendo, e folgando,
Em doces prazeres
Seus dias findando.

Um velho destes confunde
A ardente, com a fria idade!
Em que difere este gelo
Das brasas da mocidade?

Se bebe, se ri,
Se joga, se dança,
Só acho que é velho,
Na alvura da trança.

Ode XLVIII.

Em banquete com os amigos.

Trazei-me a lira
Do grande Homero,
Que em lauta mesa,
Tangela quero.

Tirai-lhe a corda
De som pesado,
Que as lutas canta
De Marte irado.

Com doce Bromio,
Que me transporte,
Trazei-me os copos
Da minha sorte.

Eu os misturo:
Dai-me os bilhetes:
Hei de ser hoje
Rei dos banquetes.

Resta, em furores,
Que Baco inspira,
Cantar seus Hinos
Ao som da lira.

Cante-se a gloria
Desta Deidade;
solte-se o estro
Com liberdade.

Ode XLIX.

À cerca de Baco.

Ouve, Pintor afamado,
Os meus líricos acentos;
Move no quadro o pincel,
Conforme a meus pensamentos;

Pinta-me o Deus das vindimas
Sobre o carro majestoso,
Em que, nas margens do Ganges,
Os tigres julgou vaidoso.

Os Sapateiros pinta em roda,
E as Bacantes, gente louca,
Dançando, e Um ébrio tangendo;
Com duas flautas na boca.

Pinta as Cidades festivas,
Este Numen celebrando,
Em pompa, fausto, e aplauso
Por suas ruas levando.

E se o pincel o permite,
Se tanto podem as cores,
Exprime ao vivo essas leis,
Que guardam os bebedores.

Ode L.

Ao Deus Baco.

Este Deus, que fortalece
A mocidade entre as taças,
Que ensina os jogos, e as danças.
Dá saúde, e inspira as graças.

A nós torna, e vem com ele
Aquele roxo licor,
Que infunde na alma alegria,
E do peito espanca a dor.

É este o sumo da vide,
Que ainda não bem sazonado
No cacho, à sombra das parras,
Está do tempo guardado.

Mas logo que o ferro o corte,
E o calque o pé rigoroso,
Sairá, e em larga cuba
Se cozerá generoso.

Então no copo espumando,
Ao cheiro, e gosto agradável,
A nossos cansados corpos
Dará Um vigor saudável.

O corpo, e espírito sadio
Nos trará licor tão puro,
Até que benigno venha
Ver-nos no Outono futuro.

Ode LI.

A Vênus nadando.

Qual foi o pincel divino,
E qual a mão de invejar,
Que tão próprios pôde os mares
esta bandeja pintar?

Que os pôde exprimir ao vivo,
De si mesmo entumescendo,
E em rolos de branca espuma
Sobre as áreas correndo?

Só com viva fantasia
Por alto Numen inflamada,
Pintava, como pintou,
Vênus aos mares lançada!

Despido aos olhos nos deixa
Seu lindo corpo nevado;
Mas quanto a modéstia veda,
As ondas nos tem vedado!

O cristal do mar ondoso
De uma em outra parte errando,
Corta com os braços nevados,
E o vai com peito arrostando.

As espadas, que aparecem,
E o colo, ao cimo do mar,
Brilham, como entre as violas,
Vemos os lírios brilhar.

Com que arte pôs a mão destra
Cupido, e seus servidores,
Brincando em torno da Deusa,
Sobre delfins nadadores!

Do fundo pego atraídos
Sobem das águas ao lume,
Por vê-la os Tritões, e os peixes,
Em rebanhado cardume!

Por entre o cristal das ondas
As lindas costas alvejam;
Peixes, Tritões, e Golfinhos
Em roda a sombra lhe beijam.

Ode LII.

À Vindima.

Quanto é doce ver no Outono
Pelas vinhas misturados,
Moças loucas, e mancebos,
Na vindima afadigados.

Uns enchem fundos cabazes
Dos cachos, que alegres cortam;
Outros em chusma, e folguedo
Aos lagares os transportam.

Aí alternando as plantas,,
Fazem do bago esmagado
Sair, em fervida espuma,
O doce mosto rosado.

Em altos risos, e em grita,
Recitam facécias Rimas
Ao velho Sileno, e a Baco,
Presidentes das vindimas.

Que alegria os não transporta,
Quando, chegando a sazão,
O sentem dentro das cubas
Estar fervendo em cachão!

Tu, ó tempo acelerado,
Parece tardo lhe passas,
Até ao tempo de cozido
Erguer espuma nas taças!

É então, que em risos doces
Vêm, de gosto repassados,
O cumprimento das preces
No fruto de seus cuidados.

Então se bebe, e com ele
Esforçado o velho dança,
E ao tremulo pé imita
Nas costas a nivea trança.

Vê-se logo, em fogo aceso,
O mocetão bebedor
Passar do lume de Baco,
As labaredas de Amor.

Eis atrevido se posta
Junto da bela, que adora;
Ele em franqueza lhe fala,
Ela de pejo se cora.

Amor se ri das finezas,
Ditas em tal liberdade;
Baco promove as desordens
Do vinho, e da mocidade.

Estes dois fogos ao peito
Dão calor, e valentia;
Então explica, e faz quanto,
Nem fizera, nem diria.

Eis-aqui como este sumo,
Do roxo cacho tirado,
As vezes o amante sério
Torna amante confiado.

Ode LIII.

Às Rosas.

Cantemos a Primavera
De lindas flores coroada;
Dêmos louvores à rosa,
Ao som da lira afinada.

Eu sou pouco: dá-me auxílio
Das Musas amigo, e meu;
Cante-se a flor, que prezarão
Os Numes da terra, e Céu.

A rosa, é perfume aos Deuses,
é dos homens o prazer;
As graças, sorrindo, a colhem,
E vão das tranças prender.

Faz as delicias de Vénus
Pela Estação dos Amores;
As liras de toda a idade
Repetirão seus louvores.

Amigo.

É o desvelo das Ninfas,
E as Pierides sagradas,
Sem medo aos bicos, a colhem
Com suas mãos delicadas.

Anacreonte.

A rosa faz, pelo estalo
De suas folhas galantes,
Que julguemos dos sucessos
Ou bons, ou maus dos amantes.

Amigo.

A rosa ou seja na planta,
Ou em fartos ramalhetes,
Faz os prazeres do campo,
Faz a graça dos banquetes.

Anacr.

Que pode ser bom sem rosas,

Se não expressão dos cantores
Foram sempre o mimo, e enfeite
Das graças, e dos Amores ?

A roxa Aurora de rosas
Os seus lindos dedos tem,
As Ninfas os tenros braços,
E o rosto de Amor a Mãe.

Amigo.

A Medicina sem rosas,
Tirana falta sentira,
Donde o bálsamo encontrara,
Que das suas folhas tira!

Ela dá fragrância aos corpos,
Ao tempo resiste, e a rosa
Tem já seca o belo cheiro,
Que tinha quando viçosa.

Anacr.

De sua origem tratemos:
Mal que viu nascer o mar
Vênus de suas espumas,
E suas ondas cruzar,

Quando da frente de Jove
Palias guerreira saiu,
Então a terra gostosa
Esta planta produziu.

Amigo.

Todos os Deuses do Olimpo
O seu nascimento Honrarão,
E do Néctar precioso,
Suas folgas borrifaram.

Ao mesmo instante, das folhas
Se viu rebentar vaidosa,
De mil espinhos guardada,
Dos Deuses a flor mimosa.

Ode LIV.

De si mesmo.

A Vista do belo rancho
De mancebos, e donzelas,
De velho me torno moço,
E folgo em dançar com elas.

Faze-te moço também;
Imita-me caro amigo;
Dá-me capelas de rosas,
Move as plantas, vem comigo.

Pois que de mim se alongou
O peso da longa idade,
E em rapaz me transformei,
Vou dançar com a mocidade.

Trazei-me de pressa a taça;
Esse licor generoso,
Ao velho em moço tornado,
Tornará mais vigoroso.

Veja-se um velho que folga;
Que bebe sem ser pedido;
Desinquieto brincando,
Sem fazer-se aborrecido.

Ode LV.

Sobre os Amantes.

Os cavalos se distinguem,
Nas suas raças diferentes,
Pelos sinais, que na espada
Lhe imprimem ferros ardentes.

Distinguem-se na campanha
De Marte as gentes guerreiras,
Umas nas cores dos elmos,
Outras nas suas bandeiras.

Tem os Amantes também
Nos olhos certos sinais,
Que se intentam disfarçar-se,
Então se descobrem mais.

FIM.